

A Casa do Capitão

ALEX BITTEN

1ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2020

A Casa do Capitão

de Alex Bitten

Este livro já foi publicado em 2017 com o título Segredos de Guerra

Editor

Agência Intrépida

Revisão

Alexandre Bittencourt

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

A Casa do Capitão

— 1ª Edição

ISBN 9781719057790

Bitten, Alex — São Paulo: 2020

1. Ficção 2. Romance Histórico

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Para minha amada mãe, Isabel.

Unidade de Elite

O último dos cinco canhões de 150 mm explodiu junto com as caixas de munição que estavam próximas, e uma bola de fogo azulada elevou-se, iluminando e aquecendo a madrugada úmida e gelada. Pedacos de metal e concreto da casamata que servia de proteção voaram na direção das nuvens pesadas e escuras, para em seguida descerem, atingindo a terra encharcada e as copas das árvores que estavam próximas. Dois caminhões carregados com munição, ocultos por uma rede de camuflagem, também explodiram.

Os incêndios iluminaram a escuridão da noite, mostrando as trincheiras dispostas em semicírculo, os sacos de areia e as crateras abertas pelo último bombardeio que havia tentado destruir aquele lugar.

Os vultos se moveram, aproveitando a escuridão que as chamas não conseguiam alcançar, e se aproximaram com cautela do centro de

artilharia, sem fazer o menor ruído, como se pertencessem à escuridão e pudessem retornar para ela assim que desejassem.

O homem que liderava aquela unidade se movia devagar em meio aos escombros, atento a qualquer movimento. Ele era alto, segurava um fuzil de assalto, tinha o rosto pintado e usava uma roupa de combate noturno. Procurou o inimigo com os seus óculos de visão noturna, que realizava a captura de fótons por meio da lente objetiva, passando por um tubo de intensificação com uma tensão de cinco mil volts, transformando os fótons em elétrons amplificados por uma placa eletrônica de microcanais e, finalmente, apresentados em uma tela de fósforo verde. Levantou os óculos para não ficar cego pela claridade provocada pelas chamas do que restara de um dos caminhões e examinou as trincheiras em busca do inimigo.

Não havia nenhum movimento. Ele abaixou os óculos de visão noturna e entrou na trincheira. Havia uma grossa camada de lama e ele caminhou com cuidado em cima de alguns troncos colocados no fundo para não encharcar as botas ou se atolar.

Então a chuva veio, leve e depois aumentando até se tornar torrencial. Ele se aproximou das estruturas que abrigavam os canhões. Os canos das armas de grosso calibre, aquecidos pelas chamas, chiavam ao receber a chuva fria.

Ele parou atrás de uma estrutura de concreto semidestruída e observou seus homens entrarem nas trincheiras, chegarem aos bunkers e, após examiná-los, sinalizarem que não haviam encontrado nenhum soldado inimigo. O líder da unidade saiu da trincheira e entrou no bunker à sua frente. Caminhou por um corredor, parou junto à grossa parede de concreto e entrou na sala pronto para disparar — mas não havia ninguém, apenas destroços do que fora uma mesa, algumas cadeiras e um armário de metal. Havia um quadro na parede com alguns mapas da região onde estavam, com alguns círculos pintados em vermelho e azul. Ele se aproximou, pegou o mapa e o guardou dentro da jaqueta. Examinou o grande canhão destruído e procurou em vão por algum objeto de valor. Depois, saiu do local por um buraco no concreto e sinalizou para um dos seus homens, que entrou em uma trincheira, correu por uma dezena de metros e, colocando a mão na borda do buraco, saltou com agilidade ao seu lado.

— E então?

— Nada, senhor, não encontramos ninguém. Os bunkers estão vazios, não há nada além de armários, algumas mesas e camas destruídas. Encontramos alguns mapas com prováveis posições de tropas. — E sorriu. — Mas duvido que as marcações sejam verdadeiras.

— Vamos levá-los para o pessoal da inteligência. Nós fazemos a nossa parte e eles fazem a deles.

— Sim, senhor.

— O que o senhor acha que aconteceu aqui?

— Eles colocaram explosivos nos canhões e abandonaram o local um pouco antes de chegarmos. Não foi uma retirada apressada. Este local é estratégico e estava defendendo uma ponte que os nossos rapazes estão tentando conquistar há algum tempo e com este lugar eles conseguiram deter três ofensivas feitas pelo nosso exército.

— Então por que abandoná-lo?

— Eu não faço a menor ideia, senhor. Será que é porque vai haver mesmo uma trégua?

O líder da unidade soltou um grunhido.

— Faz algumas semanas que estão dizendo isso, mas até agora não aconteceu nada. Talvez seja um presente para nós, Pedro — disse, dando um tapa em seu ombro. — Chame Barcelos, mande-o avisar o Centro de Operações que cumprimos nossa missão e solicite uma carona para nós.

— Sim, senhor.

Pedro acenou para um dos homens que tinha um rádio nas costas, indicando um local junto a um muro feito de sacos de areia. Então, eles se moveram com cautela naquela direção, sabendo que estavam atrás das linhas inimigas e o inimigo poderia estar oculto, pronto para atacar.

O capitão ficou olhando para os dois homens abaixados. Um deles retirou o rádio que carregava nas costas e começou a fazer contanto com o Centro de Operações. Ele olhou ao redor, para os outros comandos, quando ouviu um zunido distante, que foi aumentando acima do barulho da chuva. Então, surgiu uma explosão no local onde estavam Pedro e Barcelos. Os corpos desapareceram e, no local onde estavam, havia apenas um grande buraco. As bombas foram caindo em vários lugares. Ele viu o comando Vargas tentar se proteger dentro de um ninho de metralhadora, mas a chuva de estilhaços desmembrou seus braços e pernas como se ele fosse um boneco de pano. Dois outros comandos tentaram se abrigar em um bunker, mas uma bomba de

napalm atingiu o lugar, atravessando o teto destruído e transformando o seu interior em um mar de fogo, e os dois homens, com os corpos em chamas, saíram do bunker como tochas humanas. Um deles caiu de joelhos, pegou a pistola que tinha presa em um coldre na axila e deu um tiro na própria cabeça. O outro caiu em uma poça de água e ficou se debatendo, tentando apagar as chamas que consumiam o seu corpo.

— Maldição!

O capitão correu para se proteger, mas uma bomba de fragmentação caiu a poucos metros de onde ele estava e a explosão o atirou para dentro buraco de onde ele havia saído alguns instantes atrás.

As explosões cessaram e as chamas que iluminavam os corpos despedaçados e carbonizados da unidade de elite passaram a lutar contra a chuva.

Havia uma colina coberta por uma floresta de árvores com copas altas. Um comando se aproximava furtivamente, observando com atenção o cenário à sua frente. Ele segurava uma submetralhadora compacta nas mãos e carregava um iluminador laser a tiracolo. Observou o cenário à sua frente com os óculos de visão noturna e se moveu com cautela por entre os destroços sob a forte chuva, com o cuidado de se proteger na escuridão, e examinou os corpos, mas o bombardeio havia sido devastador.

Não havia nenhum sobrevivente.

O comando se aproximou do bunker para onde o capitão havia sido atirado pela explosão do bombardeio, colocou o dedo no gatilho e entrou sem fazer nenhum ruído. Do lado de fora, a chuva caía sem trégua e lutava para apagar as chamas.

Então, nas paredes do bunker destruído, surgiu a claridade do disparo de uma arma e o estampido ecoou pela floresta.

Dois dias depois, o armistício foi declarado, cessando todos os combates.

As negociações tiveram êxito e um tratado de paz foi assinado, terminando uma guerra que havia durado três longos anos. Os soldados voltaram para casa, para suas famílias e para recomeçarem suas vidas.

A guerra havia acabado.

Mas esta história estava apenas começando.

A entrevista

O carro dobrou a esquina e veio devagar, espantando um casal de pássaros que estava no asfalto, se aquecendo nos raios do Sol naquele início de manhã de outono. A motorista entrou à esquerda, parou diante de uma cancela e olhou para o letreiro escrito em um metal polido: “Centro de Convivência Souto Lima”.

O guarda uniformizado saiu da guarita com um tablet e olhou para o automóvel importado SUV esportivo novo em folha, de cor branca, design arrojado e com película escura nos vidros que impedia ver o seu interior.

O vidro do motorista desceu com um leve barulho e o guarda sorriu para a bela mulher que surgiu por trás, usando óculos escuros. O seu cabelo era claro e liso e o rosto era fino, em perfeita harmonia com o nariz e a boca delicada.

– Bom dia! — disse o guarda.

– Bom dia! — respondeu a jovem, sorrindo.

– Até que enfim parou de chover e o Sol resolveu sair.

– É verdade, há dias que não vejo o Sol e um dia como hoje é uma bênção. Deixe-me apresentar, eu sou a doutora Caroline e tenho uma entrevista com a doutora Laura.

– Um momento, por gentileza.

O guarda olhou o tablet por alguns instantes.

– Doutora Caroline Guedert, entrevista às 9h com a doutora Laura. Sim, doutora, sua reunião está confirmada — disse o guarda, sorrindo.

– Obrigada.

Ele olhou no relógio e conferiu o horário.

– A senhora chegou cedo, ainda faltam vinte minutos para as 9h.

– Gosto de chegar um pouco antes, para compensar eventuais imprevistos.

– Pela placa do seu carro, percebi que a senhora veio da capital. É bem longe daqui, doutora Caroline.

– Sim, é verdade.

– E para chegar neste horário, a senhora dirigiu a noite toda ou está hospedada em algum hotel na cidade?

– Confesso que dirigi a noite toda.

– É por isso que está usando esses óculos escuros assim tão cedo?

A jovem observou melhor o guarda à sua frente. Ele era um negro de cabelos grisalhos, nariz achatado e sorriso farto.

— Para dizer a verdade, sim, mas estou acostumada a dirigir grandes distâncias.

— Então deseja trabalhar conosco?

— Sim.

— Por acaso a doutora está concorrendo à vaga do doutor Michel?

— Sim, estou.

— Ele era um médico muito especial e todos nós sentimos muita saudade dele. Desde que aquela tragédia aconteceu, o Centro Médico Souto Lima procura alguém para substituí-lo. Muitos já foram entrevistados pela doutora Laura, mas ela ainda não escolheu ninguém. É muito exigente com os médicos que trabalham neste lugar.

Ela achou estranho aquele guarda falar com ela daquela maneira, mas a forma com que conversava, sua simpatia e seu sorriso faziam com que ela parecesse conhecê-lo há muito tempo.

— Eu não conheci o doutor Michel pessoalmente, mas li alguns de seus livros e sem dúvida ele era um excelente médico. A sua morte foi uma grande tragédia.

O guarda fechou o rosto lembrando-se do médico, de sua história e da dor de sua perda.

— Tem toda razão. Sabe de uma coisa, doutora Caroline? Ele era um bom homem, um dos melhores que já passaram por aqui, e todos os funcionários e pacientes sentiram muito quando aconteceu aquela tragédia. Desculpe-me perguntar, doutora Caroline, mas a senhora gosta de velhos? É que o Centro Souto Lima cuida de velhos e pessoas especiais, e o doutor Michel cuidava dos velhos muito bem. Velhos não, quero dizer, dos pacientes idosos.

— Sim, eu gosto de cuidar de pacientes idosos.

— A doutora já esteve aqui antes?

— Não, é a primeira vez.

— Certo, mas não se preocupe. Para chegar ao estacionamento, basta seguir em frente e dobrar na primeira entrada à direita. Depois, terá que caminhar um pouco. Foi uma decisão da doutora Laura, que projetou este lugar junto com seu marido, o falecido doutor Ítalo, que Deus o tenha. A senhora chegará ao prédio principal, que fica à sua direita, após passar pelo Grande Jardim, como costumamos chamar. Ele ocupa boa parte do terreno, tem árvores nativas, bancos, um belo

gramado e uma fonte. Eles projetaram o Grande Jardim para os pacientes poderem caminhar ao sol, fazerem exercícios, essas coisas. Após passar por ele, a doutora chegará ao prédio principal e, ao entrar pela porta de vidro, encontrará nossas recepcionistas bem à frente. Elas lhe indicarão como chegar à sala da doutora Laura.

— Obrigada — disse a jovem doutora para o guarda. — A propósito, como é o seu nome?

— Mário. O meu nome é Mário, o mesmo do meu avô. Minha mãe dizia que me deu o mesmo nome porque o meu avô era um homem que gostava de conversar com as pessoas.

— Sabe Mário, acho que o seu nome lhe cai muito bem.

— Eu agradeço, doutora Caroline, e desejo sorte em sua entrevista.

— Obrigada.

O guarda ficou observando o veículo se afastar e seu sorriso terminou no exato momento em que o carro partiu. Ele caminhou até a guarita, pegou o telefone e ligou para alguém.

— Ela acabou de passar.

A doutora Caroline dirigiu o carro pela estrada interna do complexo médico até o estacionamento, onde havia uma dezena de carros estacionados. Pegou uma pasta com documentos, sua bolsa e ligou o alarme do veículo. A bela mulher vestia uma blusa branca de colarinho francês sobre um tailleur bege comportado que ia até os joelhos e um scarpin de salto baixo, da mesma cor de sua roupa. Ela ajeitou a pequena corrente de ouro com um crucifixo no pescoço, passou as mãos nos dois pequenos brincos no formato de pássaro voando e conferiu o horário no relógio de prata delicado que usava no pulso direito.

Caroline caminhou por uma calçada em meio a um gramado extenso e bem cuidado, com árvores bem aparadas e plantadas em locais estratégicos. Havia vários bancos de madeira pintados de verde, dispostos de maneira que metade ficava sob o Sol e o restante debaixo das árvores. Arbustos pequenos e bem cuidados haviam sido plantados ao longo da calçada. O cheiro de terra e da grama molhada encheram os seus pulmões, e ela viu alguns pacientes caminhando pelo gramado, uns sendo conduzidos por enfermeiras em cadeiras de rodas e outros sentados em bancos, folheando revistas ou lendo livros.

Ela parou diante do grande prédio de três andares, robusto e bem conservado, com as vigas largas de concreto do corpo principal do

edifício em destaque e detalhes em perfis de alumínio pintados eletrostaticamente de branco, encaixados de forma harmônica e preenchidos por grandes placas de vidro. A porta se abriu automaticamente e ela entrou na ampla recepção, com teto alto e luminárias de led. A decoração era minimalista, com sofás brancos, aparadores e quadros com telas de natureza morta e abstrata. Ela ia se dirigir ao balcão onde havia duas secretárias quando percebeu que uma mulher que se aproximava com vários prontuários os deixou cair, espalhando todos os papéis pelo chão.

— Meu Deus!

— Deixe-me ajudá-la — disse, abaixando-se e começando a recolher os papéis.

— Obrigada, mas eu sou meio desastrada mesmo.

— Tudo bem, não se culpe, isso acontece com qualquer um. Hoje em dia, todos nós temos o hábito de querer fazer as coisas mais depressa do que podemos e, por isso, algumas delas não saem bem como deveriam.

Elas se levantaram ao mesmo tempo. A mulher devia ser uns dez anos mais velha que Caroline e vestia um jaleco branco, tinha quase a mesma estatura e seus cabelos castanhos eram curtos, cortados um pouco acima dos ombros. Seu rosto era redondo, terminando em um queixo pequeno, os olhos tinham traços orientais, o nariz era fino e arrebitado, e logo abaixo vinha uma boca larga com lábios finos.

— Meu nome é Marcela, prazer em conhecê-la.

— O meu é Caroline.

— Você veio visitar alguém, Caroline?

— Na verdade, eu vim atrás de uma oferta de emprego.

— Você é médica?

— Sim.

— Está tentando conseguir a vaga do doutor Michel?

— Sim.

— Não quero desanimá-la, mas não será fácil. Mais de dez médicos já tentaram, mas a doutora Laura, que é proprietária deste lugar, rejeitou todos. Eles eram grandes amigos, alguns dizem que tinham um caso, outros que era apenas um amor platônico, mas nada foi provado e eles sempre foram muito discretos. O doutor Michel era um homem muito especial e todos nós que o conhecíamos também sofremos muito. Eu lhe desejo sorte, doutora Caroline.

— Obrigada, Marcela, acho que vou precisar.

Caroline caminhou até parar diante da recepção, cuja secretária, uma mulher que já passava dos cinquenta anos, usando um vestido verde com um decote em “V” generoso, se aproximou.

— Bom dia.

— Bom dia, minha jovem, em que posso ajudá-la?

A mulher era alta e tinha um corpo esbelto e cabelos castanhos compridos que combinavam com seu rosto largo e carismático.

— Tenho um encontro marcado com a doutora Laura, às 9h.

Ela estava bem maquiada. Abriu um sorriso largo com a boca pintada de batom vermelho vivo, ajeitou os óculos e consultou a agenda no computador que estava instalado no balcão.

— Doutora Caroline Guedert?

— Sim.

— Pegue aquele elevador ali — disse apontando para o lado — e vá ao terceiro andar. Quando sair, caminhe pelo corredor até o final e então dobre à direita. Não tem como errar.

— Obrigada.

— Doutora Caroline?

— Sim.

— É para a vaga do doutor Michel que está aqui?

— Sim.

— Posso lhe dar um conselho?

— Claro.

— Tire os óculos. A doutora Laura gosta de olhar nos olhos das pessoas quando está conversando.

— Ah, sim, claro! Que descuido o meu! — disse, retirando os óculos e mostrando duas olheiras causadas por dirigir toda a noite.

— Nossa! Querida, você é muito bonita, mas seu olhar está péssimo.

— Eu dirigi a noite toda, não deu tempo para retocar a maquiagem.

A mulher olhou no relógio, abriu uma gaveta e retirou um estojo de maquiagem.

— Tome, pode usar. O banheiro é ali e você tem três minutos.

Ela pegou o estojo, ficou pensativa por alguns instantes e depois sorriu para a mulher e lhe agradeceu.

Ela foi ao banheiro e voltou com uma aparência bem melhor. Ao devolver o estojo de maquiagem, havia uma xícara de café no balcão.

— Agora sim, está bem melhor. Eu trouxe um pouco de café, mas não coloquei açúcar. Beba, irá lhe fazer bem.

— Obrigada, é muito gentil da sua parte.

— A doutora Laura tem o açúcar como um inimigo mortal e de tanto me cobrar eu me acostumei a beber café sem adoçá-lo. Mas se quiser, posso trazer açúcar para você.

— Não, está ótimo, eu também bebo café sem açúcar.

Ela tomou alguns goles.

— Que indelicadeza a minha, eu não sei o seu nome.

— Lúcia, eu me chamo Lúcia.

Caroline se despediu, caminhou até entrar no elevador e apertou o botão do terceiro andar.

Quando a porta se fechou, Marcela aproximou-se de Lúcia.

— O que achou?

— Eu simpatizei com ela.

— Eu também, e as informações sobre ela dizem que é muito competente. Ela pertencia à equipe do renomado doutor Salomão, e ele não poupou elogios quando conversei com ele. Mas é delicada demais, Marcela, parece uma boneca de porcelana, e infelizmente ela não tem a menor chance de conseguir a vaga do doutor Michel.

— Você acha?

— A doutora Laura irá fritá-la em um caldeirão de óleo fervente.

A doutora Caroline conferiu o horário e, quando as portas do elevador se abriram, ela caminhou por um largo corredor. O piso era revestido de porcelanato em tom de areia, as paredes eram de concreto até a metade e depois eram de vidro fosco, mostrando salas, consultórios e ambulatórios. Alguns médicos e enfermeiros conversavam em uma das salas e olharam para ela com curiosidade e interesse.

Caroline chegou ao final do corredor e dobrou a direita, conforme Lúcia havia indicado. A sala não tinha as paredes de vidro, mas havia uma porta de madeira de lei e um letreiro escrito, em letras douradas, “Doutora Laura”.

Ela respirou fundo, bateu à porta e entrou.

— Bom dia.

A sala era ampla, bem decorada, com filetes de madeira clara e escura nas paredes e três quadros com fotografias em preto e branco de florestas cobertas de neve. Havia um sofá de três lugares de couro

branco no canto, uma mesa de centro de vidro com um vaso de flores e um aparador com alguns porta-retratos. A escrivaninha ficava no fundo da sala, iluminada pelos raios do Sol, pois as cortinas de um tecido estampado estavam recolhidas e amarradas por uma fita larga e delicada. Atrás da escrivaninha, havia uma mulher sentada em uma poltrona grande, com os braços cruzados sobre o tampo de vidro. A luz do Sol a iluminava por trás e não permitia ver a sua face.

— Bom dia. Entre, doutora Caroline, eu estou esperando por você — disse com uma voz fria, grave e pausada.

— Ela entrou e caminhou sobre um tapete persa, parando diante da escrivaninha.

— Sente-se, por favor.

Caroline sentou-se, colocando a bolsa e a pasta no colo, e conseguiu ver os detalhes da mulher à sua frente. Ela vestia um terno preto com uma camisa vermelha, que combinava com um lenço da mesma cor amarrado no pescoço. Seus cabelos eram grisalhos e seu rosto tinha rugas que lhe davam uma aparência forte e decidida, e essa impressão era ampliada por seus olhos azuis faiscantes. O nariz era pequeno, contrastando com a boca de lábios estreitos, pintados com um batom rosa claro. As unhas eram pintadas na mesma cor e no pulso esquerdo havia dois braceletes finos de ouro e um relógio valioso de uma marca que ela cobiçava há muito tempo.

Em um primeiro impulso, a doutora Caroline ia estender o braço para apertar sua mão, mas depois desistiu da ideia, porque a doutora Laura não havia movido um músculo sequer. Os olhos azuis percorreram o seu corpo, estudando sua roupa, cabelo, maquiagem, e ela podia jurar que até mesmo a posição em que estava sentada estava sendo avaliada.

— A doutora gostaria de beber alguma coisa?

— Não, obrigada, doutora Laura, eu já bebi um café na recepção.

— Sem açúcar, é claro. Eu presumo que uma médica com um mínimo de conhecimento deve saber sobre os malefícios do açúcar e evitá-lo.

— Sim, eu não uso o açúcar há algum tempo — disse, lembrando-se da informação preciosa de Lúcia.

— Muito bem. Podemos iniciar a sua entrevista?

— Claro.

— O que a doutora achou deste lugar? Acredito que tenha vindo caminhando. Passou pelo jardim, pela recepção e pelo corredor onde ficam as salas dos médicos?

— Sim, eu passei por esses locais — disse sorrindo meio sem jeito.

— Muito bem. E qual a sua impressão por onde passou?

— Achei o jardim, ou melhor, a área externa grande, arborizada, com planejamento, o que indica que no inverno é agradável para ficar ao sol e no verão deve ser mais agradável ainda ficar sentado nos bancos que ficam à sombra das árvores. A recepção é ampla, o que facilita a locomoção de cadeiras de rodas, macas ou pacientes com muleta. Já este andar me pareceu ter um design característico dos consultórios onde já trabalhei, com exceção das paredes de vidro, e eu confesso que achei bem interessante — porque apesar de ser um pouco mais difícil de climatizar do que um único ambiente, na minha opinião, é melhor, pois permite mais privacidade.

— E quanto aos meus funcionários? Você chegou a falar com algum?

— Sim, falei com três dos seus funcionários.

— E qual a sua impressão?

Caroline pensou em falar que o guarda fazia perguntas demais, as enfermeiras eram desastradas e fofoqueiras e que a secretária, além de se vestir com roupas inadequadas e reparar em suas olheiras, ofereceu um estojo pessoal de maquiagem. Mas, em seguida, lembrou-se do sorriso e da simpatia do guarda, de que a enfermeira poderia estar sobrecarregada e que a secretária era uma pessoa bondosa e apenas quis ajudá-la.

— Seus funcionários são felizes por trabalhar aqui, trabalham com afinco e adoram ajudar as pessoas — respondeu, encarando os poderosos olhos azuis.

A doutora Laura absorveu a resposta e continuou.

— Diga-me, doutora Caroline, o que sabe sobre este local?

— Bem, este hospital...

— Não somos um hospital.

— Desculpe, — respondeu, tentando corrigir — é o termo que achei mais apropriado.

— Mas está enganada. Este lugar é um centro de convivência para idosos e pacientes especiais, mas não é um hospital. Não temos pronto atendimento e os pacientes que estão aqui precisam preencher uma

série de requisitos para serem aceitos. Não basta somente querer ou ter dinheiro para estar aqui, claro que são questões fundamentais, “sine qua non”, mas é necessário que este local o aceite.

— Eu entendi — respondeu automaticamente.

— Perguntarei novamente, o que sabe sobre este lugar?

Caroline respirou fundo e sentiu o cansaço por ter dirigido a noite toda, pois o aviso para a entrevista tinha sido repentino e por isso ela não tinha conseguido um voo. Pensou em rejeitar, mas desejava trocar de emprego o mais rápido possível e seria o primeiro passo para mudar de vida. Ela já estava decidida a sair da capital e era por isso que dirigira a noite toda e agora estava ali, exausta, procurando colocar as ideias em ordem para responder aos questionamentos da melhor forma possível.

— O Centro de Convivência Souto Lima foi fundado pela senhora e por seu marido, o doutor Ítalo. É um local que recebe pacientes com idade avançada e funciona como um centro de convivências para lazer e tratamento de doenças. O local possui geriatras em diferentes especialidades e é referência internacional no tratamento de idosos. Ele foi parcialmente destruído por um bombardeio durante a guerra, e seu marido e fundador, o doutor Ítalo Souto Lima, perdeu a vida nesse dia. O lugar foi reconstruído pela senhora, sendo de grande importância para o tratamento dos soldados feridos, e foi usado no desenvolvimento de novos medicamentos, como, por exemplo, a Merocilina. Esse foi apenas um dos medicamentos que foram desenvolvidos neste lugar durante a guerra em parceria com a Universidade Federal. É o que sei sobre este centro e por isso estou aqui, porque gostaria de trabalhar em um lugar como este. Eu me candidatei para preencher a vaga deixada pelo doutor Michel, o renomado médico que morreu em um acidente de automóvel há três meses.

A doutora Caroline percebeu que, ao dizer o nome de seu marido, a doutora Laura permaneceu imóvel, mas ao falar o nome do doutor Michel, seus olhos se moveram e ela balançou levemente a cabeça. Então, concluiu que ele tinha sido mais do que um funcionário.

— Muito bem, isso basta.

— Eu sei tudo sobre a senhorita, doutora Caroline — disse, tamborilando as pontas dos dedos na pasta. — Desde a época em que entrou na universidade.

— Então, se estou aqui, é porque o meu currículo agradou à senhora?

— Sim e não. Eu diria apenas que cumpriu os requisitos mínimos.

— Ela abriu a pasta onde havia alguns papéis. — Eu sei, por exemplo, que você veio de uma família humilde, estudou em colégio público e passou no vestibular de medicina em primeiro lugar. Ao se formar, foi para Paris e fez mestrado e doutorado na Université Paris Descartes, e então retornou para trabalhar no Hospital Universitário Federal por três anos, na ala geriátrica, desenvolvendo um papel relevante junto aos pacientes que atendeu.

Ela cruzou os braços sobre a pasta.

— Estou correta?

— Sim, está correta.

A doutora Laura lançou um olhar felino.

— Diga-me, doutora Caroline, a senhorita acredita que alguém na minha posição, que precisa decidir uma importante contratação com esta, irá se basear apenas em um currículo?

— Não, claro que não, somente um currículo não. E por isso estou aqui, para poder apresentar as minhas habilidades.

— As suas habilidades, baseadas nas minhas pesquisas, demonstram ser mais do que suficientes para assumir o cargo que está vago.

— Então quer dizer que estou contratada? — perguntou ansiosa, e depois se arrependeu por ter sido tão direta.

— Quando eu disse que pesquisei a sua vida, quis dizer toda ela.

Um calafrio percorreu a espinha da doutora Caroline.

— Eu preciso fazer isso, porque o cargo que está vago é muito especial para este lugar. Sei que algo aconteceu recentemente em sua vida, algo muito grave, que a fez abandonar uma carreira promissora em um renomado hospital. Sei das suas capacidades e também que deixou a respeitada equipe do doutor Salomão. Para mim, isso mais parece um suicídio profissional. A questão é simples, doutora Caroline, a senhorita está buscando uma nova oportunidade ou está fugindo por...

— Basta! — Caroline disse, levantando-se. — A senhora tem todo o direito de pesquisar o meu passado profissional, eu faria o mesmo se estivesse no seu lugar, mas não tem o direito de pesquisar a minha vida particular! A senhora não me conhece e eu não permitirei que faça

comentários sobre assuntos que não lhe dizem respeito! A senhora não tem esse direito! Sim, eu tive um problema particular e sim, eu quero mudar de emprego! É por isso que estou aqui! Eu vim atrás de uma oportunidade, que é uma necessidade para a senhora, mas vejo que é impossível! E sabe por que é impossível, doutora Laura?

— Não, não sei. Poderia esclarecer para mim, por gentileza?

— A senhora não deseja substituir o doutor Michel! Ele era um ótimo profissional, um escritor renomado e seus trabalhos estão espalhados pelo mundo! Mas ele sofreu um acidente, está morto e todos neste lugar já assimilaram isso!

Caroline colocou as duas mãos na mesa.

— Todos, menos a senhora!

A doutora Laura permaneceu em silêncio.

— Eu não dirigi a noite toda para que alguém que eu não conheço faça qualquer comentário sobre a minha vida particular, isso eu não permitirei! E além disso... Ahhh... passar bem, senhora Laura!

Ela pegou as suas coisas e se dirigiu para a porta.

— O emprego é seu — disse a doutora Laura, sem alterar a voz.

Caroline parou e se virou para a mulher.

— O que foi que disse?

— Que o emprego é seu, se desejar. A menos, é claro, que não o queira mais ou que não aceite o valor que tenho a oferecer, mas acredito que a minha oferta será melhor do que o seu emprego atual.

— Mas eu não entendi! Como assim, o emprego é meu?

Ela pegou o telefone e digitou alguns números.

— Cibila, por favor, mande-os entrar.

— A porta se abriu e entraram o guarda, a recepcionista e a enfermeira.

— Mas...

— Acalme-se — disse a doutora Laura. — Eles a conhecem, mas há uma necessidade urgente em refazer as apresentações. Na verdade, este é o doutor Mário, meu supervisor, esta é a doutora Lúcia, a nossa psicóloga e esta é a doutora Marcela, a gerente do setor de Enfermagem. A senhora pode estranhar, mas foi entrevistada por mim e por eles. Os candidatos que chegam até aqui obviamente passaram na fase de análise da sua experiência profissional, mas não foram aprovados, porque reclamaram que o guarda faz perguntas pessoais e fala demais. Outros não ajudam uma pessoa que comete um erro, perdem tempo

com focos ou não aceitam usar algo que já foi usado por alguém. Isso, é claro, sem contar o consumo do açúcar.

A doutora Laura levantou uma das sobranças.

— Agora diga-me, doutora Caroline, como é que um médico que pensa e age dessa maneira pode cuidar adequadamente de uma pessoa idosa?

— Então tudo não passou de um teste?

— Sim — disse o doutor Mário. — Todos os candidatos são testados desde que passam pela portaria, e você foi a única que conseguiu passar por todos eles.

— E nós estamos muito felizes — disse a doutora Lúcia.

— Seja bem-vinda — falou a doutora Marcela.

— Então, — disse a doutora Laura — aceita trabalhar conosco?

— Eu aceito — respondeu a doutora Caroline, intrigada com o método nada convencional criado pela doutora Laura.

— Muito bem. Doutora Marcela, por gentileza, poderia levá-la até o departamento pessoal para que possam instruí-la sobre os detalhes de sua admissão?

— Venha, por favor, queira me acompanhar.

Caroline se virou para a mulher atrás da mesa.

— Obrigada, doutora Laura.

— Pelo quê?

— Por me aceitar.

— Não me agradeça. Eu estou apostando em você, doutora Caroline, e eu espero que prove que fizemos a escolha certa em contratá-la.

— Venha, doutora Caroline — disse a doutora Marcela.

Assim que as duas mulheres saíram, o doutor Mário e a doutora Lúcia aproximaram-se da mesa da doutora Laura.

— Ela foi uma boa escolha — afirmou o doutor Mário.

— Eu acredito que ela tem o perfil que estamos procurando. — Concordou a doutora Lúcia.

— Pode ser, — disse a doutora Laura — mas acredito, ou melhor, tenho certeza de que ela não conseguirá se adaptar, e em menos de um mês irá embora.

— Por que você acha isso? — perguntou o doutor Mário.

— Porque ela está destruída por dentro, da mesma forma como os bombardeios fizeram com este lugar durante a guerra.

- Mas este lugar foi reconstruído — afirmou a doutora Lúcia.
- Esse é o ponto de interrogação que existe em minha mente neste momento. Será que a doutora Caroline terá forças para se reconstruir?

Lembranças

— A operação foi cancelada — disse o doutor Salomão para o grupo de médicos que estava na sala.

— O que aconteceu? — perguntou um deles.

— A febre voltou, e voltou com força — respondeu sem nenhuma emoção na voz. — Precisamos fazer novos exames para descobrir a causa, mas uma coisa eu já decidi: a cirurgia não será mais realizada. O doutor Fúlvio e a doutora Fernanda continuam no hospital, mas você, doutora Caroline, está liberada.

A doutora Fernanda bateu nas costas da amiga.

— Em plena sexta-feira, que sorte a sua.

— Eu acho que mereço, ainda mais depois de um dia duro de trabalho como o de hoje — respondeu sorrindo.

— Com certeza, você merece.

— Estão dispensados — disse o doutor Salomão. — Fúlvio, venha comigo, quero que veja alguns exames que acabaram de chegar. Assim

como a doutora Caroline é a minha menina de ouro em cirurgias geriátricas, você é o menino prodígio em tomografia e quero ouvir sua opinião.

— Claro, doutor Salomão.

A doutora Caroline abriu a porta do box do banheiro, que estava embaçado pelo vapor do banho quente, e saiu enrolada em uma toalha. Ela assobiava sua canção preferida. Abriu o armário, pegou suas roupas e colocou-as sobre a mesa.

Foi quando sua amiga Patrícia, enfermeira, que trabalhava na emergência, surgiu em meio ao vapor. Era morena, alta, de corpo esbelto, cabelos cacheados, olhos amendoados e uma boca carnuda.

— Aí está você, Caroline! Estou procurando você em todo o hospital, eu até cheguei a pensar que já tinha ido embora sem falar comigo.

— A cirurgia foi cancelada, Patrícia, mas eu não iria embora sem falar com você.

— Eu soube, e isso só prova que nesta noite os deuses da luxúria estão a seu favor.

Patrícia tinha um embrulho nas mãos e o entregou para a amiga.

— A sua encomenda está aqui, eu espero que sirva. Você sabe que o ideal é provar antes, então não reclame se ficar um pouco apertada. Aliás, se ficar é até melhor.

A doutora Caroline abriu o pacote. Havia uma lingerie preta com detalhes em renda.

— É linda.

— Claro que é, fui eu que comprei. Ah, quase esqueci.

A enfermeira colocou a mão no bolso do jaleco e tirou um pequeno embrulho.

— O que é isso?

— É uma liga de perna. Eu comprei de renda para combinar. Veja, tem até alguns brilhantes, porque acho que é mais sexy. A regra de ouro é, não é você que deve tirar. Deixe-o decidir, entendeu?

— Acho que sim.

— Agora termine de se enxugar e coloque a lingerie.

A doutora fez o que a amiga havia pedido, secou-se rapidamente e vestiu a lingerie.

— Como ficou?

Patrícia olhou para ela pensativa.

— Vire-se.

Ela deu uma volta.

— E então?

— A sua bunda.

— O que tem ela?

— Sinto muito, mas preciso dizer a verdade. Sua bunda está cheia de celulite, e o seu peito está caído.

— Patrícia!

A amiga se aproximou e colocou a mão em seus ombros.

— Você é linda, Caroline, uma das mulheres mais lindas que já conheci. Termine de se vestir e vá ao encontro de Augusto. Esqueça que você é uma médica, esqueça que teve um dia difícil, esqueça seus pacientes. Esqueça tudo, a razão, a lógica e use apenas o instinto animal que todas nós temos. Traga de volta a fêmea que existe em você, a fera soterrada sob séculos de civilização. Libere o sentimento mais primitivo que existe dentro de você, somente ele, nada mais. Viva, minha amiga, apenas viva, e faça isso com o homem que você ama.

Caroline deu um abraço sincero na amiga.

— Muito obrigada, Patrícia.

— Eu sempre estarei ao seu lado. Agora vá e seja o súcubo de Augusto.

A porta do apartamento abriu com o mínimo de ruído. Caroline entrou e trancou a porta, colocou sua bolsa sobre o sofá e tirou a roupa na sala, ficando apenas de lingerie. No início, sentiu frio, mas depois as batidas do coração aumentaram e ela sentiu um calor que cresceu e parecia queimá-la por dentro. Ela conferiu a lingerie, ajustou a liga na perna e então caminhou descalça, como uma felina, atravessando a sala iluminada apenas pela claridade da lua cheia. Ela sentiu-se como se fosse uma feiticeira prestes a seduzir um jovem camponês em alguma aldeia distante. Seria um súcubo, pecadora e obscena, que enfeitiçaria o coração de um homem, tornando-o seu para sempre.

Ela atravessou o corredor sentindo-se imponente, poderosa, senhora do destino do homem que encontraria em breve.

A porta do quarto estava entreaberta. Ela respirou fundo e abriu-a com cuidado.

E então viu uma cena que congelou o seu coração.

Havia um homem nu na cama e sobre ele havia uma mulher. Seu cabelo era comprido, estava solto e vários fios estavam colados em seus ombros suados, e Caroline distinguiu gotas de suor na testa da bela mulher. Um suor de prazer que deveria ser seu. A janela do quarto estava aberta e a luz do luar dava aos corpos uma tonalidade azulada, como uma pintura, só que em movimento. Ela conhecia a jovem — era Pâmela, médica cardiologista e uma de suas melhores amigas.

Caroline sentiu uma convulsão, seu estômago se contraiu e então ela vomitou sobre seus pés descalços.

Pâmela olhou para Caroline, gritou saltando de cima do homem, puxou o lençol e se protegeu no canto do quarto como um animal acuado diante de uma fera.

Mas Caroline não representava nenhum perigo. Toda a coragem, a autoconfiança e o poder que a tinham trazido até aquele quarto haviam se dissipado.

O homem levantou e ficou parado na sua frente. Ele era jovem, seu corpo nu musculoso estava suado e a expressão de desespero e desonra em seus olhos destruíram qualquer pensamento na mente da jovem parada diante da porta.

Caroline acordou em um sobressalto, com o corpo encharcado de suor. Ela levou as mãos ao rosto, procurando controlar a sua respiração, mas não conseguiu. Correu até o banheiro e vomitou dentro do vaso sanitário. Continuou até não haver mais nada no estômago, até cair de joelhos, com os olhos cheios de lágrimas, que tinha dúvidas se eram pelos espasmos causados por vomitar ou pela lembrança que a atormentava. Finalmente se levantou, lavou o rosto, foi até o frigobar, pegou uma garrafa de água e foi até a janela. Era madrugada e ela ficou observando as luzes da cidade que havia escolhido para recomeçar.

Estava chovendo, e as gotas caíam na janela e escorriam pelo vidro por caminhos aleatórios. Olhou para o letreiro do hotel onde estava

hospedada e depois para a rua, quando um carro passou em alta velocidade, fazendo o barulho característico que um carro faz sobre o asfalto molhado.

Caroline havia abandonado tudo. Sua família, seu trabalho e seus amigos. Tinha escolhido fugir, deixar tudo o que havia conquistado para começar de novo.

E o que levava uma pessoa a recomeçar? Uma grande tragédia, a vontade de construir algo novo ou uma traição. No seu caso, era a terceira opção. Ela tinha um grande motivo para fugir, para abandonar tudo que havia conquistado.

E recomeçar.

Mas para onde estava indo? O que o destino reservaria para ela naquele lugar? Não tinha certeza, mas tinha prometido que seguiria seus instintos. Havia conseguido um ótimo emprego, era um sinal de que estava no caminho certo. Caroline sempre planejara suas decisões meticulosamente, mas desta vez seria diferente. Queria fazer o que nunca havia feito em sua vida.

Ela queria arriscar, queria fazer algo diferente. Não sabia para onde suas escolhas a levariam, mas estava disposta a correr o risco para descobrir.

Era a sua decisão final.

Ela havia apostado o seu destino naquela cidade e apesar de não fazer ideia do que estava em jogo, iria até o fim para descobrir se a sua aposta teria valido a pena.

A Casa do Capitão

Os dois carros estacionaram em frente à casa quase ao mesmo tempo. Caroline desceu primeiro e esperou que a mulher saísse do carro.

— Chegamos. Eu tenho certeza, doutora Caroline, de que irá se apaixonar por ela.

A jovem médica analisou a frente da casa. Era antiga, construída com tábuas de largura estreita, encaixadas perfeitamente e pintadas de branco. Os pilares de sustentação da varanda da frente eram cobertos de trepadeiras e o telhado era novo, com telhas em formato germânico que desciam harmoniosamente sobre a estrutura. A varanda era grande e junto à porta de entrada havia duas cadeiras de vime dispostas uma ao lado da outra. A garagem ficava fora da casa, era construída com troncos largos de madeira e seu telhado era coberto de plantas que desciam enroladas nos pilares até o chão. O muro na frente da casa era um gradeado de madeira, pintado de branco, mas com a pintura

desbotada pela ação do tempo. Havia um grande carvalho na parte esquerda da casa e ela percebeu que nos fundos existiam diversas árvores, com copas altas que ultrapassavam a altura do telhado. O gramado estava em péssimo estado, tinha alguns buracos e estava repleto de ervas daninhas.

— Eu não sei, Carla, parece aconchegante, mas é muito antiga. Eu confesso que adoro plantas, adoro mexer com a terra, mas achei o gramado grande demais, tem muitas árvores. Eu não sei, queria uma coisa menor, até porque não terei muito tempo para cuidar delas.

— Por favor, não decida ainda, doutora, vamos entrar e conhecer a casa.

Caroline olhou ao redor. As outras casas eram de alvenaria, novas e com design elegante. A única que destoava era a que ela estava para entrar. Então, olhou para o outro lado da rua. À sua frente havia uma bela livraria, e um jovem parado junto à porta a observava com curiosidade. Ao lado de onde ele estava, uma mulher organizava, com dois funcionários, as mesas que ficavam na calçada. Ela percebeu que ele a observava, então se aproximou e disse alguma coisa para ele. Ele olhou para Caroline, balançou a cabeça e entrou. Algumas dezenas de metros à frente, havia uma cantina de massas e, na outra esquina, uma padaria, também com mesas na calçada, onde algumas pessoas estavam sentadas, tomando café e conversando. Caroline olhou novamente para a casa, olhou para o vento batendo nos galhos das árvores e teve uma sensação estranha, como se eles estivessem dançando felizes com sua presença.

Ela não soube explicar, mas também sentiu-se feliz, em paz ao estar ali. Uma alegria que começou pequena, mas foi aumentando até preencher todo o seu coração.

Carla, a corretora, era uma mulher de cinquenta anos, baixa, vestindo um terno azul com o nome da imobiliária bordado no lado direito do peito.

— Doutora, eu nem falei sobre este bairro, mas tenho certeza de que irá adorá-lo. Venha, vamos conhecer o interior da casa.

As mulheres caminharam até a casa, subiram os degraus de madeira e a corretora abriu a porta.

— Deixe abrir as janelas para que você possa ver melhor, porque não há energia.

— Está bem.

À medida que ela foi abrindo as janelas, ela pôde perceber a mobília antiga, o sofá clássico com o estofado em vermelho, a mesa de jantar de madeira escura, com pés largos e entalhes sinuosos. Ela puxou uma das cadeiras para constatar que o estofamento estava em ótimo estado. Passou a mão suavemente pelos entalhes na madeira da cadeira e imaginou as pessoas que haviam sentado nela, as conversas agradáveis, os sorrisos e as confidências. Então, caminhou até um grande aparador de madeira, abriu uma das gavetas e pegou um porta-retratos vazio.

— Esta não é uma casa comum, doutora Caroline. Ela pertenceu ao capitão Afonso e sua esposa. A senhora conhece a sua história?

— Não, não conheço.

— A senhora nunca se interessou pela guerra?

— Não — ela respondeu, colocando o porta-retratos dentro da gaveta e fechando-a em seguida. Caminhou pela sala, abriu a porta do quarto do casal e constatou que as mobílias eram clássicas e refinadas. Em seguida, conferiu os outros cômodos.

A corretora a acompanhou.

— Ele foi um herói da guerra. Era muito valente e os soldados que ele comandava tinham grande respeito e admiração por ele. O Capitão Afonso morreu salvando seus companheiros em uma das últimas batalhas, pouco antes do armistício ser assinado. Dizem que ele salvou mais de dez soldados antes de ser abatido.

— E quanto a sua esposa? — ela perguntou com curiosidade. — O que aconteceu com ela?

— Seu nome era Luíza e ela teve um fim trágico. Após as homenagens de sepultamento do Capitão Afonso, ela estava retornando para casa quando um bombardeio atingiu a rua por onde ela caminhava.

— Que fim trágico para ambos — disse Caroline com pesar. — Meu pai teve mais sorte. Ele lutou na guerra, mas voltou para casa e alguns anos depois se casou com minha mãe.

— Então ele deve ter muitas histórias para contar.

— Ele nunca falou sobre os horrores que vivenciou. O máximo que nos contou foi que nunca se sentiu um herói, apenas fez o que tinha que fazer.

Caroline caminhou pela sala, tocando os móveis e as paredes. No início ela não havia gostado da casa, mas aos poucos foi se familiarizando e simpatizando com o ambiente.

— Como eles não tinham nenhum parente vivo, — explicou a corretora — a casa acabou passando para o governo. Mas como o Capitão Afonso era militar, acabou mudando de mãos e passou para o Exército, que vem cuidando dela durante todos esses anos. A ideia original era fazer um museu, mas já que não há recursos para isso, os militares nos contrataram para alugá-la. O dinheiro do aluguel será repassado para a associação que cuida dos veteranos.

— Então esta casa pertence ao Exército?

— Sim. E é ele que vem cuidando dela durante todos esses anos. O telhado é novo, ela foi pintada no ano passado e a mobília foi reformada. É aconchegante, bem iluminada e fica perto de onde a doutora irá trabalhar.

A doutora entrou na cozinha. Havia uma mesa para quatro lugares, um balcão grande, coberto com mármore e uma pia em estilo colonial. O fogão de bancada havia sido colocado recentemente.

— O fogão é novo e toda a tubulação foi refeita. Agora venha aqui fora, deixe-me mostrar uma coisa.

Ela abriu a porta que dava para os fundos e elas saíram para uma varanda espaçosa. Ao seu lado havia duas espreguiçadeiras de vime em ótimo estado. Nas vigas de madeira que sustentavam a varanda, havia penduradores para colocar vasos de flores e dois xaxins de fibra de coco pendurados por correntes enferrujadas, sem nenhuma planta. O terreno nos fundos da casa era amplo, com calçadas feitas de pedra que circulavam mais de uma dezena de árvores, a maioria frutífera. Havia pássaros coloridos nas árvores que, ao verem as duas mulheres, saíram voando. Junto aos muros, existiam canteiros e Caroline imaginou como aquele lugar ficaria bonito se fosse bem cuidado.

— Viu os pássaros? Este lugar é um refúgio para eles, a doutora estará sempre em boa companhia.

A doutora Caroline caminhou pela varanda até a extremidade e, sem descer os degraus, ficou olhando as árvores balançando com o vento leve naquele fim de tarde.

— As árvores não parecem tão velhas.

— Algumas foram plantadas pelo Capitão e por sua esposa, como aquele velho carvalho lá no fundo, mas as demais são substituídas por uma equipe do Exército quando ficam velhas ou adoecem.

— Por que fazem isso?

— Como eu já disse, até dois anos atrás havia a possibilidade de tornar este lugar um museu, e eu acredito que é por isso que o mantiveram em tão bom estado.

— Carla, eu achei muito bonito este lugar, mas...

— Doutora Caroline, imagine os canteiros floridos, plantas novas nos vasos e a grama verde e aparada. Imagine como este lugar ficará e a tranquilidade de morar em um ambiente tão agradável.

Um beija-flor apareceu e ficou alguns instantes diante da doutora Caroline, distante não mais de meio metro. Ela olhou o pequeno pássaro verde com tons azulados pairando no ar, olhando-a com curiosidade. Então, o pássaro soltou um silvo e voou desviando-se dos galhos, desaparecendo no céu.

— Você viu, Carla? Meu Deus, ele ficou na minha frente!

A corretora sorriu.

— Até os pássaros a querem aqui.

— Este lugar parece mágico!

— Ele é mágico, doutora Caroline, e pode ser seu novo lar.

— Eu não sei, Carla, de todos os lugares que você me mostrou, este me parece ser o melhor, lembra um pouco a minha casa, minha infância, mas...

— Mas?

— Como eu já disse, a parte externa é muito grande e vai dar muito trabalho mantê-lo limpo e organizado.

— Doutora Caroline, eu vou lhe fazer uma proposta. Eu contratarei uma empresa para pintar o muro da frente da casa, deixar o gramado impecável e ainda recuperar o pomar, cortando os galhos secos e retirando as folhas que estão no chão. Eu transformarei esta casa num pedaço do paraíso, e farei isso especialmente para a senhorita.

A mulher piscou para a doutora Caroline.

— Então, o que me diz?

Ela passou a mão na espreguiçadeira e ficou pensando nas vantagens que teria em aceitar a proposta. O preço do aluguel não era nenhuma pechincha, mas era melhor do que a maioria das casas que havia visitado.

— Vou lhe conceder um desconto de dez por cento no aluguel e que Deus me ajude com os militares, mas aceite doutora, eu posso assegurar que não encontrará um lugar melhor na cidade.

— Está bem, Carla, você me convenceu. Eu aceito.

A mulher sorriu.

— Fez uma ótima escolha, doutora, não irá se arrepender.

— Eu espero que não.

— Eu tive um pressentimento assim que entramos nesta casa.

A jovem olhou para o Sol que se punha naquele belo final de tarde e pensou em como seria tomar uma taça de vinho contemplando aquela bela paisagem.

— E qual foi esse seu pressentimento?

— De que esta casa está esperando pela senhorita.

A doutora sorriu, mas a simpatia do seu sorriso não foi pelo comentário de Carla.

Foi porque tivera a mesma impressão.

E Agora?

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, sobre a possibilidade de vidas passadas. E você, o que faria se descobrisse uma prova incontestável de que já viveu outra vida?

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/2IBBTII>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

www.alexbitten.com.br

